

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ-CEST
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

AMANDA JULIE SILVANA REMEDIOS

**A RELAÇÃO ENTRE REGIONALISMO E VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NO 3º
SEGMENTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA SANTA MARIA
EM TEFÉ-AM: PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA**

TEFÉ

2024

AMANDA JULIE SILVANA REMEDIOS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade do Estado
do Amazonas-UEA como requisito para
obtenção do grau de Licenciada em
Letras-Língua Portuguesa no Centro de
Estudos Superiores de Tefé – CEST.

Orientadora: Profa. Rosineide Rodrigues Monteiro

TEFÉ

Sem espaçamento.

2024

AMANDA JULIE SILVANA REMEDIOS

**A RELAÇÃO ENTRE REGIONALISMO E VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NO 3º
SEGMENTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA SANTA
MARIA EM TEFÉ-AM: PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DA LÍNGUA
MATERNA**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao curso de Letras da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, no Centro de Estudos Superiores de Tefé – CEST como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^ª. Rosineide Rodrigues Monteiro

Membro: Prof^ª. Ma. Jussara Maria de Oliveira
(Universidade do Estado do Amazonas-CEST-UEA)

Membro: Prof^ª. Ma. Teresinha de Jesus de Sousa Costa
(Universidade do Estado do Amazonas-CEST-UEA)

Conceito: -----

Tefé, de 2024.

A RELAÇÃO ENTRE REGIONALISMO E VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NO 3º SEGMENTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA SANTA MARIA EM TEFÉ-AM: PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

Amanda Julie Silvana Remdios¹ - UEA
Rosineide Rodrigues Monteiro² - UEA

RESUMO

A presente pesquisa acerca sobre o tema relações entre regionalismo e as variações linguísticas no contexto da Educação de Jovens e Adultos no Ensino Fundamental em uma escola localizada em Tefé-AM cujo embasamento é constituído por tópicos contextualizando a História da EJA no Brasil, bem como dos sujeitos e autores da cidadania e formação do docente da EJA. O referencial teórico alicerçou-se em Alfredina (2019), Antunes (2007), Arroyo (2003), Bagno (1997), Brasil (1998), Brasil MEC (1997), Calvet (2004), Coelho (2021), Denzi (2006), Fernandes (2014), Gala (2012), Gil (2008), Lakatos e Marconi (2017), em que se ressaltou a relação entre regionalismo e as variações linguísticas, ademais, a metodologia foi norteadada por Lakatos e Marconi (2017), dentre outros. As técnicas da pesquisa foram a observação, a oficina e o questionário contendo perguntas abertas e fechadas aplicado aos alunos do 3º segmento da EJA. Os resultados obtidos indicam que a maioria dos alunos utilizam as variantes linguísticas no contexto escolar. Desse modo, a pesquisa serviu para mostrar a importância do regionalismo e da variação linguística dentro da sala de aula, assim, destacando a necessidade de promover o respeito e a valorização de todos a maneira de fala. [espaço](#)

Palavras-chave: Regionalismo. Variação linguística. EJA.

ABSTRACT

This research focuses on the topic of relationships between regionalism and linguistic variations in the context of Youth and Adult Education in Elementary School in a school located in Tefé-AM whose basis is made up of topics contextualizing the History of EJA in Brazil, as well as the subjects and authors of citizenship and training of EJA teachers. The theoretical framework was based on Alfredina (2019), Antunes (2007), Arroyo (2003), Bagno (1997), Brasil (1998), Denzi (2006), Fernandes (2014), Gala (2012), Gil (2008), Lakatos e Marconi (2017), Mateus (2007), Mordaz (2011), Lopes Neto (1998), Neves (2006), Patriota (2006) and Zatera (2020), in which the relationship between regionalism and linguistic variations was highlighted. Furthermore, the methodology was guided by Lakatos and Marconi (2017), among others. The research techniques were observation, the workshop and the questionnaire containing open and closed questions applied to students in the 3rd segment of EJA. The results obtained indicate that the majority of students use linguistic variants in the school context. In this way, the research served to show the importance of regionalism and linguistic variation within the classroom, thus highlighting the need to promote respect and appreciation for everyone's way of speaking. [espaço](#)

Keywords: Regionalism. Linguistic variation. EJA.

1Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras do Centro de Estudos Superiores de Tefé da Universidade do Estado do Amazonas – UEA/CEST. E-mail ajsr.let202@uea.edu.br

2 Especialista em Didática do Ensino Superior – FASE. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Professora orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Licenciatura em Letras do Centro de Estudos Superiores de Tefé da Universidade do Estado do Amazonas – CEST/UEA. E-mail: rmonteiro@uea.edu.br

INTRODUÇÃO

Vários símbolos sempre coexistiram, mas seu uso como objetos de estudo é muito novo. As línguas favorecem diferentes formas de escrita, por isso estes acontecimentos devem ser vistos sob uma nova perspectiva. Este modelo tem se tornado cada vez mais um dos modelos de representação cultural. Mesmo que se note a pluralidade de línguas, do ponto de vista linguístico, o que se verifica é o foco na escrita, e a escrita já não é suficiente para revelar a totalidade do uso da língua e seus fenômenos.

A relação entre regionalismo e variações linguísticas é um tema fascinante. As variações linguísticas, incluindo sotaques, vocabulário e estruturas gramaticais, são influenciadas pelos contextos regionais e culturais em que se desenvolvem. As diferenças linguísticas regionais podem refletir aspectos históricos, sociais e geográficos de uma determinada comunidade.

Ao estudar essa relação, é importante considerar como os regionalismos contribuem para a diversidade linguística e cultural de uma região, ao mesmo tempo em que podem influenciar a comunicação e a identidade dos falantes. Além disso, a preservação e o estudo dos regionalismos são fundamentais para a valorização da diversidade linguística e cultural em um contexto globalizado.

Mas existem problemas relacionados ao assunto. Um dos problemas relacionados ao regionalismo e às variações linguísticas, nas escolas, é a falta de valorização e reconhecimento dessas formas de expressão. Em muitos casos, as políticas educacionais e as práticas pedagógicas não levam em consideração a diversidade linguística, o que pode levar à estigmatização das variedades regionais e à imposição de padrões linguísticos que não refletem a realidade linguística dos alunos.

Outro problema é que isso pode resultar em um ambiente escolar onde os estudantes, que falam variedades linguísticas regionais, se sintam desvalorizados ou envergonhados de sua forma natural de comunicação. Diante desse problema, o que pode ser feito para amenizar esta situação e as variações linguísticas regionais serem vistas como uma forma diferenciada de comunicação pelos discentes?

Nesta abordagem, é importante promover políticas educacionais que valorizem e respeitem as variações linguísticas regionais, garantindo que todos os alunos se sintam representados e incluídos no ambiente escolar, ao mesmo tempo em que são incentivados a desenvolver habilidades multilíngues e a compreender a riqueza da diversidade linguística.

Este artigo tem como objetivo geral refletir sobre a relação entre regionalismo e variações linguísticas no 3º segmento da Educação de Jovens e Adultos, na escola Santa Maria em Tefé - AM, visando o respeito à identidade linguística e cultural dos estudantes, combatendo estigmas e preconceitos linguísticos.

Já os objetivos específicos são os elencados a seguir: levar o aluno a entender a relação entre regionalismo e variações linguísticas por meio de exemplos; compreender que a língua é constituída por variações linguísticas, que devem ser respeitadas de acordo com as situações de produção; levar o aluno à superação da discriminação relacionada às diferentes formas de falar do povo brasileiro por meio de atividades de interação prazerosa e mostrar a importância da variação linguística no ambiente escolar.

As questões norteadoras que orientam este artigo são: qual é a relação entre regionalismo e variações linguísticas? De que maneira é possível compreender que a língua é constituída por variações linguísticas que devem ser respeitadas de acordo com as situações de produção? Como superar a discriminação relacionada às diferentes formas de falar do povo brasileiro por meio de atividades de interação prazerosa? A variação linguística é prestigiada no ambiente escolar?

Ao investigar o regionalismo e variações linguísticas presentes no ambiente escolar da EJA, pode-se identificar as necessidades linguísticas dos alunos e adaptar o currículo e estratégias de ensino de acordo com a realidade local. Isso permite que os alunos se sintam mais motivados e engajados no aprendizado, uma vez que percebem que sua própria linguagem e cultura são valorizadas no processo educacional.

Além disso, o estudo sobre regionalismo e variações linguísticas contribui para uma reflexão mais ampla sobre a diversidade linguística e cultural do país. Visto que, ao reconhecer e respeitar as diferentes formas de falar e se expressar, promove-se o respeito à identidade linguística e cultural dos estudantes, combatendo estigmas e preconceitos linguísticos.

Outro ponto importante é a relação entre a língua materna e a construção da identidade dos alunos. De modo que, ao explorar as variações linguísticas presentes no contexto da escola pesquisada, em Tefé, os estudantes podem se sentir mais valorizados e representados, fortalecendo sua autoestima e senso de pertencimento.

Além disso, o estudo sobre regionalismo e variações linguísticas na EJA contribui para uma formação mais completa e crítica dos alunos, capacitando-os a compreender e se comunicar de forma eficaz em diferentes contextos sociais e culturais. Dessa forma, o tema apresenta perspectivas promissoras para o ensino da língua materna e para a promoção de uma educação mais inclusiva e contextualizada.

2. A RELAÇÃO ENTRE REGIONALISMO E VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

O regionalismo é um tipo de variação linguística. Isso significa que as variações são fenômenos que acontecem quando um mesmo idioma sofre alterações diversas. Elas podem ocorrer com base nas diferentes idades, gêneros, costumes, tradições, e claro, regiões geográficas de seus falantes.

O regionalismo na linguagem pode ser entendido como formas de apreensão do conjunto de particularidades de determinada região geográfica, decorrentes da cultura existente ali e de fatores históricos que a originaram, sendo o dialeto uma de suas principais formas de expressão.

As principais características do regionalismo versam que é um fenômeno universal como movimento de grupos de escritores que defendem notadamente uma literatura que tenha por ambiente tema e tipos uma certa região rural que se opõe aos costumes, valores e gosto dos cidadãos.

Os tipos de regionalismo da época são divididos entre rural e urbano. Outro objetivo da literatura regionalista daquele período era representar as diferenças entre realismo e idílio, letra e oralidade, região e nação, cidade e campo, além da utilização das características do passado como forma de denunciar as falhas no presente.

No Brasil, o regionalismo linguístico diz respeito a uma variação linguística ligada ao vocabulário que consiste na criação e no uso de palavras ou expressões típicas de determinada região. Como “macaxeira”, usada no Norte e Nordeste, que no Sudeste vira “mandioca” e, no Sul, “aipim, por exemplo.

Alguns exemplos de expressões regionais existentes nas diversas regiões do Brasil servem para ilustrar a riqueza do falar do povo brasileiro, por exemplo, no Centro-Oeste: Arruinou – piorou de saúde. Carreta – carro. Dormir no macio – viver folgado; no Norte: Brocado – estar com fome; Capar o gato – ir embora; Égua de largura – muita sorte; no Nordeste: Aperrear – encher o saco; Buchuda – gestante; no Sul: Alçar a perna – montar a cavalo; Cacetinho – pão francês.

A linguagem regional ou expressões podem ser identificadas em sotaques, dialetos, falares, pronúncias e até mesmo na construção de diferentes palavras para os mesmos conceitos. Segundo Ferreira (2001, p.592), regionalismo (sm.) é uma “locução peculiar a uma região, ou a regiões”. Logo, ressalta-se que essa locução é o modo especial e diferenciado de falar do homem regionalista brasileiro.

A linguagem regional está relacionada com as variações ocorridas, principalmente na fala, nas mais variadas comunidades linguísticas. Essas variações são também chamadas de dialetos. O Brasil, por exemplo, apresenta uma imensa variedade de regionalismos na fala dos usuários nativos de cada uma de suas cinco regiões tais como Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

Conforme Platão e Fiorin (2006, p.110-111) “as línguas têm formas variáveis porque as sociedades são divididas em grupos: há os mais jovens e os mais velhos, os que habitam uma região ou outra, os que têm esta ou aquela profissão, os que são de uma ou outra classe social [...]”. Compreende-se que o uso de determinada variedade linguística serve para marcar a inclusão em um desses grupos, o que dá uma identidade para seus membros.

No instante em que uma pessoa começa a falar, notamos sua fala diferenciada, e a partir desse momento, conforme os autores:

Aprendemos a distinguir as falas variáveis, a imitá-las e a julgá-las. Quando alguém começa a falar, sabemos se é do interior de São Paulo, gaúcho, carioca ou mesmo português. Sabemos que certas expressões pertencem à fala dos mais jovens, que determinadas formas se usam em situação informal, mas não em ocasiões formais (Platão; Fiorin, 2006, p. 111).

Para algumas pessoas as variedades são consideradas elegantes ou feias, certas ou erradas. Há, pois, um julgamento social sobre elas. Na verdade, tais variedades representam a riqueza das expressões idiomáticas existentes nas cinco regiões do Brasil.

Os dois aspectos mais facilmente perceptíveis da variação linguística são a pronúncia e o vocabulário. No entanto, a variação ocorre em todos os níveis da língua, a saber: no nível dos sons, no nível da morfologia, no nível da sintaxe e no nível do léxico.

No nível dos sons, por exemplo:

O *l* final de sílaba é pronunciado como consoante pelos gaúchos, enquanto em quase todo restante do Brasil é vocalizado (pronunciado como um *u*); o *r* final de sílaba é pronunciado de maneira bem distinta por um carioca e por uma pessoa do interior de São Paulo; em certos segmentos sociais, troca-se o *l* pelo *r* (diz-se *arto* e não *alto*); (Platão; Fiorin, 2006, p.111).

No nível fonológico, o *l* final de sílaba é pronunciado como consoante pelos gaúchos, enquanto em quase todo restante do Brasil, ou seja, é pronunciado como um *u*; o *r* final de sílaba é pronunciado de maneira bem distinta por um carioca e por uma pessoa do interior de São Paulo, por exemplo, *mar*, *lar*, *lugar*, *amor*, *cor*, *sabor*, *calor*. Explicação: Por conta do "r", que no sotaque carioca, quando temos R duplo o som é o mesmo de quando a palavra começa com R (*rato*). Ou seja, é aquele som que sai da garganta; em certos segmentos sociais, troca-se o *l* pelo *r* caipira, ou seja, diz-se *arto* e não *alto*, diz-se *argudão* e não *algodão*; diz-se *carça* e não *calça*; diz-se *urtimu* e não *último*; diz-se *consurta* e não *consulta*.

No nível da morfologia, por exemplo:

Conjugam-se muitas vezes, por analogia, os verbos irregulares como regulares (*ansio* em lugar de *anseio*, se eu *repor* em lugar de se eu *repuser*, *manteu* por *manteve*); às vezes se

usa a forma do presente do subjuntivo em vez do equivalente do presente do indicativo (nós *fiqemos* em vez de nós *ficamos*); (Platão; Fiorin, 2006, p.111).

No nível da morfologia, esses segmentos sociais não realizam concordância entre o sujeito e o verbo, isso ocorre com mais frequência se o sujeito está posposto ao verbo. Há ainda variedade em termo de regência, como, “eu lhe vi” ao invés de “eu o vi”.

No nível da sintaxe, por exemplo:

No nível da sintaxe: em certos segmentos sociais e em certas situações não se realiza a concordância verbal ou nominal (eles *bebeu* muito naquela noite; os *home*); em algumas regiões do país, usam-se formas próprias da sintaxe do italiano (*somos em seis, passo da sua casa*); muitas vezes, o pronome relativo, principalmente *cujo*, é substituído por um *que*, sem valor pronominal, e a função sintática que deveria ser expressa por ele é manifestada por outro termo (diz-se “A moça *que os olhos dela são verdes* veio aqui ontem” em lugar de “A moça *cujos olhos são verdes* veio aqui ontem) (Platão; Fiorin, 2006, p.111).

No nível da sintaxe, em certos segmentos sociais e em certas situações pessoas não utilizam a concordância verbal ou nominal, fazendo uma mistura de plural e singular, a ausência de concordância verbal ou nominal, como no exemplo “nós vai ali”, é um fenômeno linguístico que ocorre na fala informal em algumas regiões. Essas características podem ser associadas a variações dialetais, níveis de escolaridade, contexto social e regionalismo. Vale ressaltar que enquanto tal forma de expressão pode ser comum na fala cotidiana, a norma culta da língua preconiza a concordância verbal e nominal correta.

No nível do léxico, por exemplo:

Diáfano é empregado em situação de uso de uma linguagem muito culta; *cassaco* é um termo utilizado no Nordeste para trabalhador de estrada ou de engenho; em português, diz-se *comboio* em lugar de *trem*, e *miúdo* em vez de *criança* (Platão; Fiorin, 2006, p.111).

No nível do léxico, a variação linguística pode variar de país para país, Estado para Estado e até mesmo de cidade para cidade. Essas diferenças citadas pelo autor entre o termo *cassaco* utilizada no Nordeste e *comboio* utilizados em português de Portugal, enriquecem a língua portuguesa e demonstram como ela se adapta e evolui de acordo com as diversas culturas e contextos regionais.

Como a língua utilizada pelos brasileiros não é uniforme, ela apresenta suas variedades, o que faz com que cada usuário fale de uma maneira diferente, dependendo de cada circunstância.

As línguas variam de região para região, de grupo social para grupo social, de situação para situação. O cruzamento desses fatores torna ainda mais complexo o fenômeno da variação. Assim, temos, por exemplo, um falar gaúcho e um paulista. No falar gaúcho, podemos identificar uma variante popular e uma culta. Dentro da variedade popular gaúcha, temos um falar formal e um informal (Platão; Fiorin, 2006, p.111).

Neste sentido, as línguas são utilizadas conforme cada grupo social e contexto. Isto torna mais complexo a variação linguística utilizada pelos falantes, pois quanto mais a dominam, nos mais variados atos comunicativos, mais se tornam bons usuários. Logo, serão considerados capazes de usar as diferentes variantes do seu idioma adequadamente.

Os quatro tipos de variantes linguísticas: as variações diatópicas (geográficas), variações diastráticas (grupos sociais), variações diafásicas (formal x informal), variações diacrônicas (históricas). São as variações relacionadas ao espaço geográfico em que estão inseridas.

Neste sentido, “as variações de uma região para outra são chamadas variantes *diatópicas*” (Platão; Fiorin, 2006, p.112). Esse tipo de variação linguística é bem comum, e refere-se às diferenças de falas entre as regiões. A mandioca é um exemplo de variação vocabular, mas dependendo da região do país, torna-se macaxeira ou aipim.

Outro exemplo, consta no fragmento do conto *Melancia – coco verde*, escrito pelo regionalista gaúcho Simões Lopes Neto em 1957.

Vancê pare um bocadinho; componha os seus arreios, que a cincha está muito pra virilha. E vá pitando um cigarro enquanto eu dou dois dedos de prosa àquele andante... que me parece que estou conhecendo... e conheço mesmo!... É o índio Reduzo, que foi posteiro dos Costas, na estância do Ibicuí. (...)

- Vancê desculpe a demora: mas quando se encontra um conhecido do outro tempo – e então do tope deste! – a gente até sente uma frescura na alma!... Coitado, está meio acalanhado, mas bonzão ainda.

Pois aquele cuerudo que você está vendo, teve seu grito d’armas!... Vou contar-lhe uma alarifagem em que ele andou metido, e que só se soube, pelo miúdo, e isso mesmo porque a própria gente do caso é que contava (Lopes Neto, 1998, p.38).

Observe que no conto utiliza-se uma variante gaúcha. No nível lexical, observa-se a palavra *cincha* significa (peça do arreio para apertar o *lombilho*), *posteiro* (empregado de uma estância para criação de gado), *tope* (qualidade), *cuerudo* (portador de *cueras*, ou seja, cicatrizes no lombo, causadas pelos arreios), *alarifagem* (esperteza).

Ainda segundo Platão e Fiorin (2006, p.112), “as variações de um grupo social para outro são chamadas variantes *diastráticas*. Essas variações são muito numerosas: as gírias, os jargões etc.” Consideram-se variações diastráticas aquelas variações que se referem aos grupos sociais, cujos fatores, relacionados à faixa etária, profissão, estrato social, entre outros, imperam de forma preponderante.

As variações *diafásicas* podem ser usadas quando não há familiaridade entre os ouvintes da comunicação ou em situações que necessitam de maior elegância, como afirmam Platão e Fiorin (2006, p.113):

As variações de uma situação de comunicação para outra são denominadas variantes *diafásicas*. Todos sabemos que há situação que permitem uma linguagem bem informal (uma conversa com os amigos num bar) e outras que exigem um nível mais formal de linguagem (um jantar de cerimônia). Cada uma dessas situações tem construções e termos apropriados.

Por outro lado, a linguagem informal é usada quando há familiaridade entre os ouvintes da comunicação ou em situações descontraídas. Dependendo do contexto, as variações *diafásicas* são as que ocorrem de uma situação de comunicação para outra. Assim, o uso da linguagem informal e o uso da linguagem formal são constituídas por construções e termos adequados.

Os autores ressaltam que “as variações de uma época para outra são chamadas variantes diacrônicas” (Platão; Fiorin, 2006, p.114). Veja o exemplo *Ai flores, ai flores do verde pino*, cantiga de amigo de autoria do rei D. Dinis I de Portugal, na época do trovadorismo português.

Original	Tradução livre
- Ai flores, ai flores do verde pino, se sabedes novas do meu amigo! Ai, Deus, e u é?	Ai flores, ai flores do pinheiro verde, tendes notícias do meu amigo? Ai, Deus, onde está?
Ai, flores, ai flores do verde ramo, se sabedes novas do meu amado! Ai, Deus, e u é?	Ai flores, ai flores do ramo verde, tendes notícias do meu amado? Ai, Deus, onde está?
Se sabedes novas do meu amigo, aquele que mentiu do que pôs comigo! Ai, Deus, e u é?	Se tendes notícias do meu amigo, aquele que mentiu sobre o que combinou comigo! Ai, Deus, onde está?
Se sabedes novas do meu amado aquele que mentiu do que mi há jurado! Ai, Deus, e u é?	Se tendes notícias do meu amado, aquele que mentiu sobre o que me havia jurado? Ai, Deus, onde está?

A variação histórica conforme o exemplo no texto “Ai flores, ai flores do verde pino” é mais percebida em textos de época. Elas são as variações que ocorrem de uma época para outra, pois os falantes são criativos e procuram novas expressões para comunicarem-se de forma mais efetiva.

3. A LÍNGUA PORTUGUESA VERSUS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NO PROCESSO DE ENSINO

Existem muitos problemas no ensino de gramática nas aulas de língua portuguesa. Por esse motivo, as escolas têm a responsabilidade de ensiná-lo de uma forma que proporcione aos alunos as condições para adquirirem competências para utilizá-lo com base nas situações que vivenciam.

Em princípio, a gramática não deve ser considerada como uma verdade única, perfeita e completa. Além disso, os professores não devem transmitir mecanicamente especificações gramaticais e limitar-se a frases e palavras isoladas, mas permitir que os alunos se desenvolvam em atividades situacionais da língua.

Nesta concepção, a escolha do professor sobre o tipo de instrução a utilizar em sala de aula refletirá a aprendizagem do aluno. Por esse motivo, é fundamental que o docente saiba escolher um método que seja verdadeiramente mais eficaz para proporcionar aos alunos a aquisição do conhecimento em questão.

Segundo Mateus e Carneira (2007, p. 27) “aprender a falar a língua materna é-nos tão natural como aprender a andar, mas para dominarmos um conjunto de regras (a norma) precisamos da escola”. Neste sentido, salienta-se que as escolas desempenham um papel extremamente importante na aprendizagem dos padrões do português falado devido à existência de variedades dialetais que já são dominadas pelas crianças. Segundo as autoras:

O Português que falamos e escrevemos, durante o período limitado da nossa vida, varia consoante a nossa idade, a região, o grupo social ou profissional a que pertencemos e, até as circunstâncias em que comunicamos. Não escrevemos como falamos e falamos de forma diferente conforme as pessoas a que nos dirigimos. Quer isto dizer que a linguagem tem, em cada momento, variação (Mateus; Carneira, 2007, p. 20).

A língua materna desempenha um papel crucial, neste conceito, visto que é a língua que o sujeito está exposto desde a infância. Desta forma, funciona simultaneamente com as normas culturais padrão, não limita o seu alcance, mas aplica-se a todos os tipos de línguas. Ademais, é inegável que o ensino eficaz entende a língua como a soma dos tipos de línguas e seus falantes pertencentes a diferentes grupos sociais.

Evidentemente, ensinar gramática aos alunos é muito importante, mas esse ensino deve incluir uma variedade de textos como revistas, receitas culinárias, crônicas, jornais, artigos, anúncios, poemas e vários outros tipos de textos que existem em nossa sociedade. Desta forma, os alunos têm oportunidades de desenvolver a fala e a escrita através do uso no mundo real, bem como explorar expressões regionais no contexto da escrita em sala de aula.

A gramática deve conter uma boa quantidade de atividades de pesquisa, que possibilitem ao aluno a produção de seu próprio conhecimento linguístico, como uma arma eficaz contra a reprodução irrefletida e acrítica da doutrina gramatical normativa (Bagno, 2000, p. 87).

Durante o processo de ensino, pode-se comprovar que ensinar gramática apenas por meio de uma única frase não é eficiente para o aluno aprender, pois é necessário utilizar o texto e extrair dele o que se deseja ensinar ou mesmo aprender. Esta prática de ensino não só irá dotar os alunos

de uma consciência das convenções gramaticais, mas também desenvolver as competências necessárias para produzir textos escritos e falados coerentes e gramaticalmente corretos na mais ampla gama possível de tipos de texto.

Dessa forma, é necessário alinhar a teoria à prática e conscientizar as diferentes variedades linguísticas que foram estigmatizadas ao longo dos anos, pois a regra de “falar bem” é apenas uma gramática normativa e tudo está além do seu alcance. Nessa doutrina, a doutrina seria vista como falsa e, portanto, o conhecimento da língua que os alunos adquirem no seu meio social é desvalorizado e suprimido pelas escolas e professores que priorizam o ensino prescritivo da língua em detrimento de outras mudanças existentes.

Todo falante, para ser eficaz precisa saber, em cada situação, que tipo de vocabulário empregar (vocabulário técnico, especializado, fora do usual, comum, literal, metafórico e coloquial). Logo, atividade de expressão das variedades lexicais são bastantes significativas, com ênfase, é claro, na ampliação do repertório disponível (Antunes, 2007, p. 45).

Como já visto, a escolha da linguagem a ser utilizada depende do contexto e do propósito da comunicação. É importante saber adaptar a linguagem de acordo com a situação para garantir uma interação eficaz e respeitosa, tanto no meio social quanto no ambiente escolar.

Porém, ao longo dos anos, com o desenvolvimento da teoria do ensino da língua portuguesa, alguns conceitos sobre como utilizar a língua materna e expressões regionais em sala de aula foram revisitados com o objetivo de cultivar e dotar os alunos da comunicação oral e escrita. Da mesma forma, as variantes existentes podem ser adaptadas às mais diversas situações de comunicação recomendadas pelos PCN (1997):

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro as diferentes situações comunicativas (...) é saber, portanto, quais variedades e registro da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige (Brasil, MEC-SEF, 1997, p.31).

Conforme mencionado acima, os PCN propõem um ensino produtivo de línguas que oriente os alunos a refletirem sobre os tipos de linguagem disponíveis e desenvolvam sua capacidade de adaptar sua fala a diferentes situações de comunicação, sejam elas formais ou informais.

Ainda segundo os PCN (1998, p. 85) "a gramática ensinada de forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano". Portanto, o ensino de gramática em sala de aula limita-se à memorização de exemplos e regras em prosa e não pode ser aplicado ao cotidiano dos alunos.

O ensino da gramática não pode ser separado da diversidade da língua, visto que, não há variação fixa no mesmo espaço e existem diferentes grupos sociais, com isso, a expressão da língua também é diversa. Desta forma, as escolas têm a responsabilidade de desenvolver métodos de construção de conhecimento que permitam aos alunos expandir as suas competências faladas e escritas. Além disso:

[...] Cabe à escola levar os alunos a se apoderar também das regras linguísticas que gozam de prestígio, a enriquecer o seu repertório linguístico, de modo a permitir a eles o acesso pleno à maior gama possível de recursos para que possam adquirir uma competência cada vez mais ampla e diversificada sem que nada disso implique a desvalorização de sua própria variedade linguística, adquirida nas relações sociais dentro de sua comunidade (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 09).

Por conseguinte, é preciso entender as diferenças na criação de normas, mas há outros desafios no português que os educadores não podem menosprezar ou suprimir porque fazem parte do nosso dia a dia e estão todos abertos à interpretação, então devem ser respeitados.

As escolas, portanto, não apenas lidam com variedades culturais da língua, mas também orientam os alunos para outras variedades linguísticas existentes em diferentes gêneros textuais, e visam desenvolver a sua capacidade de atuar satisfatoriamente nos mais diversos contextos comunicativos.

4. AS DIFERENTES FORMAS DE FALAR DO POVO BRASILEIRO E OS MECANISMOS PARA SUPERAÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO

Pode-se dizer que a definição de linguagem é um conceito abstrato, mas é preciso ressaltar que seu uso se dá por meio de palavras e possui duas formas: linguagem falada séria e linguagem escrita. Segundo Mordaz (2011), a linguagem é o sistema pelo qual os humanos comunicam pensamentos e sentimentos, seja por meio da fala, da escrita ou de outros símbolos tradicionais.

Neste caso, a escrita será utilizada na ausência do interlocutor, através de cartas, e-mails, mensagens de texto, enquanto a linguagem falada só poderá ser utilizada na presença do interlocutor, presencialmente, na forma escrita, falada. Não é preciso dar a entender o que se quer que seja compreendido, mas sim expressá-lo por escrito para que o destinatário tenha uma compreensão mais clara.

A linguagem sofre mudanças constantemente através do tempo, podemos citar por exemplo a palavra “Você” antigamente era Vossa Mercê que se transformou sucessivamente em Vosmecê, Você e com o passar do tempo foi sendo modificada, por populações, culturas, povos diferenciados, entre várias outras palavras que ao longo do tempo vai sofrendo variações (Calvet, 2004, p. 100).

Ao analisar a linguagem pode-se concluir que se precisa dela para os mais diversos atos comunicativos, seja da forma mais simples seja para pertencer a um grupo inteiro. Assim sendo, ressalta-se que cada comunidade possui uma linguagem que a distingue das outras comunidades.

Pode-se salientar que as línguas estão em constante mudança. Assim mesmo, corrobora-se que não existe uma única forma correta ou única de utilizá-las, pois pode variar muito e também depende do grupo envolvido no estudo, assim como as expressões regionais de dialetos em diferentes locais e as expressões regionais podem diferir. Vale ressaltar que, na Amazônia, tanto os dialetos quanto as expressões regionais podem ser distinguidos de outras regiões. Além disso, de acordo com o autor:

Podemos citar como um bom exemplo dessas tantas mudanças, é a linguagem utilizada entre internautas, ou seja, as famosas abreviações das palavras, criando uma utilização da linguagem, muitas vezes só compreendidas por eles mesmo, que não podemos classificar como erradas, já que ali está tendo uma comunicação e compreensão apesar que seja somente entre eles (Mordaz, 2011, p. 123-135).

Por outro lado, a fala é cada vez mais utilizada à medida que os falantes usam a sua própria língua e, embora cada comunidade tenha a sua língua, a fala também varia de acordo com a idade, lugar, origem, cultura, ocupação etc. Além disso, uma determinada palavra pode ser desconhecida pela minha comunidade, ou até mesmo considerada errada, mas é correta para outra comunidade, e assim por diante.

As normas têm duas definições, então, as normas culturais são gramáticas, assim como as normas populares são linguagem universal, ou seja, são termos aceitos que não necessariamente usam gramática. Resumindo, não existe uma forma certa ou errada de falar, mas existe um lugar e uma pessoa e temos que comunicar de diferentes formas e o uso de expressões regionais são palavras diversas que enriquecem a diversidade cultural, mas se aplicadas à forma escrita, podem ser considerados incorreto porque não segue regras gramaticais e seu significado pode variar de lugar para lugar.

Ou seja, claro que não iremos falar em uma reunião de trabalho da mesma maneira que falamos em uma roda de amigos. É aí onde se encaixa a norma culta e popular, por tanto as duas são essências, até porque não devemos e dificilmente conseguiríamos falar de maneira culta em todas as ocasiões (Mordaz, 2011, p. 43).

Evidentemente, cada pessoa fala de forma diferente dependendo do ambiente e da localização, e usar gírias numa reunião é inaceitável, assim como usar norma culta num círculo de amigos também é inapropriado. Falar e escrever em qualquer contexto é o que nos distingue dos

demais, e as adaptações nas situações cotidianas e nos ambientes de trabalho permitem que essa diversidade seja percebida e explorada de maneiras diversas. espaço

5. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO AMBIENTE ESCOLAR

A linguagem é como um rio que se renova, ou seja, não é única e certa, mas está em constante mudança e atualização. No nosso cotidiano, percebe-se que ela está mudando a cada momento, mas essa mudança é diferente da sintaxe. Até certo ponto, a gramática resiste a essas mudanças, mesmo sabendo que elas ocupam um grande espaço na nossa sociedade.

Evidentemente, existe uma variedade muito grande de línguas no Brasil. Devido às características de cada região, diferenças sociais, etc., nem todos conseguem adquirir cultura suficiente para estar no mesmo nível da elite, embora as escolas utilizem a língua oficial na sala de aula, sem a devida pregação, pois não existe. O método leva em conta a realidade social do grupo e simplesmente aplica normas padronizadas como se os alunos não entendessem a língua, caluniando-os ou mesmo desprezando-os.

[...] a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os quase 190 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. [...] (Bagno, 2007, p. 27).

É claro que a escola é um lugar onde as pessoas vão para aprender, porém, quando chegam lá, a vida parece começar naquele momento e a bagagem intelectual e cultural que essa pessoa traz consigo, muitas vezes, não é valorizada. Isto significa que ela precisou reaprender tudo, até certo ponto, inclusive, a falar o português padrão. Então, o que aconteceu reafirma os preconceitos que existem em toda a cultura brasileira.

Na verdade, a linguagem tem um propósito real, que é estabelecer comunicação, embora existam muitos tipos, esse propósito ainda é alcançado. Portanto, não é algo rígido que aceita apenas uma possibilidade, mas, sim, é flexível e se adapta a cada sociedade de forma diferente, e a questão é aceitar e respeitar essa diferença sem preconceitos.

A função da escola é proporcionar aos indivíduos a oportunidade de aprender uma língua padrão, o que não é possível durante a aprendizagem e aquisição, “(...) a ideologia da necessidade de “dar” ao aluno aquilo que ele “não tem”, ou seja, uma “língua”. (...)” (BAGNO, 1997, p.62). Nesse sentido, os “professores” acreditam que os alunos não têm uma língua e, portanto, comportam-se de uma forma que desvaloriza o conhecimento que eles adquirem na escola e o carácter da sua diversidade linguística, realidade e comunidade.

Deste ponto de vista, a frase “Português é muito difícil” só faz sentido se levasse em conta todas as regras e conceitos que não são acrescentados. Normalmente isto não faz sentido, pois cada

um tem o que lhe é inerente sua sintaxe de idioma nativo. Na verdade, linguagens não padronizadas também possuem regras, mas as especificações não são tão complicadas, mas as aplicações são consistentes.

A reprodução de uma língua por uma pessoa a identifica como pertencente ao seu grupo, e suas características específicas refletem a adaptação da língua à comunidade. Visto que, “[...] saber uma língua, no sentido científico do verbo saber, significa conhecer intuitivamente e empregar com naturalidade regras básicas de funcionamento dela” (Bagno, 2007, p.35). Porém, um dos maiores inimigos associados à variação linguística é o “preconceito” contra a “discriminação”, que na verdade é social e ideológico, para manter o poder estabelecido entre as classes.

O preconceito de linguagem não se relaciona com “o que é dito”, mas com “quem o diz”. Este é, na verdade, um preconceito social. Isso nos faz pensar que se a raça fosse falada pelas elites da sociedade, não haveria tanto preconceito e conflito racial.

Existe um mito ingênuo de que a linguagem humana tem a finalidade de “comunicar”, de “transmitir ideias” – mito que as modernas correntes da linguística vêm tratando de demolir, provando que a linguagem é muitas vezes um poderoso instrumento de ocultação da verdade, de manipulação do outro, de controle, de intimidação, de opressão, de emudecimento. Ao lado dele, também existe o mito de que a escrita tem o objetivo de “difundir ideias”. No entanto, uma simples investigação histórica mostra que, em muitos casos, a escrita funcionou, e ainda funciona, com a finalidade oposta: ocultar o saber, reservá-lo a uns poucos para garantir o poder àqueles que a ela têm acesso (Bagno, 2007, p.133).

Esta linguagem, com a sua estrutura gráfica que, muitas vezes, pode ser usada para disfarçar o verdadeiro significado e intenção está presente em muitos textos que diz respeito a todos os cidadãos. Inclusive, a linguagem escrita numa linguagem que não é necessária a menos que se tenha um amplo conhecimento de vocabulário, quebra a simples disseminação de ideias e comunicação, dificultando o acesso a essas informações básicas.

É importante que a escola acolha os indivíduos e tenha um verdadeiro papel de ensino e aprendizagem quando eles chegarem à escola. Essa instituição precisa valorizá-los para que eles não se sintam desvalorizados e discriminados pela forma como falam. Certamente, é função dos professores da escola mostrar, gradualmente aos alunos, as diferentes formas de falar, para que possam aprender e se desenvolver ainda mais. Dessa forma:

[...] É papel da escola, portanto, facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos, permitindo-lhes apropriarem-se dos recursos comunicativos necessários para se desempenharem bem, e com segurança, nas mais distintas tarefas linguísticas [...] (Bortoni-Ricardo, 2004, p.74).

O papel da escola é educar os alunos, conscientizá-los e prepará-los para diferentes contextos e situações e proporcionar experiência linguística em sala de aula. Isto pode ser feito ensinando-os e dotando-os de recursos de comunicação considerados adequados para que eles

saibam expressar conceitos teóricos. Assim sendo, infere-se que uma combinação de prática leva ao sucesso, independentemente das circunstâncias.

Além disso, vivemos na era da informação, logo, e é necessário preparar os alunos para sobreviverem nesta nova sociedade, não para serem consumidos por muita informação, mas para que saibam utilizar essas informações e extrair conhecimentos que possam ser utilizados em diferentes condições de vida diária.

Em relação à língua escrita, seria pedagogicamente proveitoso substituir a noção de erro pela de tentativa de acerto. Afinal, a língua escrita é uma tentativa de analisar a língua falada, e essa análise será feita, pelo usuário da escrita no momento de grafar sua mensagem, de acordo com seu perfil sociolinguístico [...] (Bagno, 2007, p.126).

Quando pensamos em linguagem escrita, começamos a pensar em cursos de redação, e de forma misteriosa, quando se trata de correção, confundimos estrutura do texto com correção de erros ortográficos, tendo em vista que o uso de expressões regionais na escrita pode ser considerado errado.

Tradicionalmente concordamos em corrigir erros ortográficos, e desta forma, surge uma questão que é considerada eficaz no processo de ensino dos alunos, então, como é que esta forma de avaliação contribui para o desenvolvimento educacional dos alunos?

Ao realizar atividades de escrita para os alunos, o professor deve saber o que realmente deseja. Enfatiza-se que a primeira coisa que deve ser avaliada não é a ortografia, mas a construção, a criatividade, a coerência etc., porque a linguagem escrita é uma tentativa de analisar a linguagem falada. Logo, se os alunos que quiserem fazer bem esse processo, devem levar isso em consideração.

Ao escrever, devem ter espaço livre e sem restrições. Depois, ao reescrever, devem seguir as especificações padrão e a estrutura estar correta, para que possam ser escritos. Dessa forma, os alunos não ficarão limitados ou presos em mitos sobre a língua portuguesa que, muitas vezes, é considerada difícil de escrever.

A dicotomia linguística que supervaloriza a linguagem escrita e tende a ignorar e desvalorizar a linguagem falada também deve ser derrubada, uma vez que ambas são intrínsecas e, portanto, uma depende da outra.

Neste contexto, o PCN recomenda que as escolas façam do respeito pela diversidade linguística um objetivo educativo mais amplo, sem degradar a forma como os alunos falam, muito menos, a sua escrita. Ou seja, é necessário combater os preconceitos linguísticos e promover um ensino que seja verdadeiramente mais democrático.

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às

diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da interação comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido (Brasil, 1997, p. 32).

Dessa forma, ficam evidentes as necessidades dos alunos de se expressarem em diferentes situações comunicativas. De modo que, ao se envolverem em interações sociais, eles saberão o que dizer e como dizer, e desempenharão diferentes papéis sociais ao interagir com diferentes interlocutores para adaptar seu discurso. Porém, isso só é possível se respeitarem a forma como falam.

Além disso, para que os alunos percebam que a sua linguagem e mesmo a escrita devem ser eficazes, devem dominar outras formas de expressão, o que também é necessário noutros contextos com os quais ainda não estão familiarizados.

6 METODOLOGIA

espaço

No desenvolvimento da pesquisa utilizou-se o levantamento bibliográfico, que de acordo com Gil (2002), versa sobre análise e a interpretação de material impresso como livros, documentos, imagens, entre outros. Essa metodologia é muito importante na área da educação, pois tem como objetivo reunir as informações e dados que servirão como base para a construção da investigação proposta a partir de determinado tema.

O método de abordagem usado foi a pesquisa qualitativa, pois, para Denzin e Lincoln (2006, p.17):

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes.

Esta modalidade de pesquisa tem seu foco voltado para o entendimento e a interpretação de fenômenos, com objetivos mais detalhados, em que se aborda de forma tradicional. Em outras palavras, busca compreender o tema estudando as suas particularidades e experiências individuais, entre outros aspectos.

Neste trabalho, a pesquisa de campo exploratória, de acordo com Gil (2008, p. 22), “[...] têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. A

pesquisa fornece uma vasta rede de informações que podem auxiliar na obtenção de resultados, sendo um estudo que permite a aquisição de conhecimento sobre o objeto de estudo em questão.

O método da pesquisa foi o fenomenológico. Esse método é “A fenomenologia estuda a essência e a manifestação das coisas. Ou seja: tudo aquilo que se pode perceber do objeto ou do fenômeno através dos sentidos” (Coelho, 2021, p. 125).

Uma das técnicas da pesquisa foi a observação. Essa aborda sobre “uma fonte rica para a construção de hipóteses é a observação que se realiza dos fatos ou da correlação existente entre eles. As hipóteses terão a função de comprovar (ou não) essas relações e explicá-las” (Lakatos, Marconi, 2017, p. 144). O pesquisador se envolve de forma significativa e passa a estar completamente envolvido diretamente com seu objeto de estudo.

Outra técnica primordial foi o questionário. De acordo com Chizzotti (2010, p. 55) configura-se como “um conjunto de questões pré-elaboradas, [...] com o objetivo de suscitar dos informantes respostas por escrito ou verbalmente sobre assunto que os informantes saibam opinar ou informar”. O questionário visa à obtenção de informações dos participantes a respeito do assunto da pesquisa, conforme suas vivências, entendimentos e realidades.

A presente pesquisa realizou-se na Escola Estadual Santa Maria, localizada no município de Tefé – Amazonas, junto ao público alvo composto por 30 discentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Neste caso, aplicou-se o questionário misto constituído por 08 perguntas formadas por múltipla escolha e perguntas abertas, aos discentes, mas selecionou-se e analisou-se somente 09 para servir de amostra porque as respostas foram compatíveis aos objetivos propostos no projeto inicial. Os dados colhidos e analisados foram descritos de forma descritiva e interpretativa para melhor compreensão do leitor.

Desse modo, a pesquisa aconteceu em três etapas, assim descritas. Na primeira etapa, realizou-se uma visita à escola para pedir permissão tanto ao Gestor quanto ao professor visando à execução do trabalho de campo; na segunda etapa, elaborou-se o plano de aula e os conteúdos para o desenvolvimento da oficina constituída em 4 momentos distintos. Após a finalização da oficina, distribuiu-se os questionários aos discentes para eles responderem fora da sala de aula.

Em relação aos procedimentos para análise e interpretação dos dados obtidos, ele será realizado manualmente, sendo realizado o estudo e categorização através de comprovação por autores, sendo, portanto, feito de maneira descritiva e interpretativa.

Desse modo, a pesquisa aconteceu em três etapas, assim descritas. Na primeira etapa, realizou-se uma visita à escola para pedir permissão tanto ao Gestor quanto ao professor visando à execução do trabalho de campo; na segunda etapa, elaborou-se o plano de aula e os conteúdos para

o desenvolvimento da oficina constituída em 4 momentos distintos. Após a finalização da oficina, distribuiu-se os questionários aos discentes para eles responderem fora da sala de aula.

Em relação aos procedimentos para análise e interpretação dos dados obtidos, ele será realizado manualmente, sendo realizado o estudo e categorização através de comprovação por autores, sendo, portanto, feito de maneira descritiva e interpretativa.

Para começar, a oficina ocorreu na escola Santa Maria no 3º segmento da EJA (Educação de Jovens e Adultos), durante dois dias, sendo utilizado dois tempos em uma única turma. No primeiro momento teve contato da docente com o pesquisador. Depois, foi feito o levantamento dos conhecimentos prévios acerca do conteúdo “Regionalismo e as Variações Linguísticas” para os discentes. Na sequência, foi distribuído e explicado o conteúdo impresso para os alunos. No decorrer da aula teve como exemplo duas músicas intituladas como “chopis centis” de Mamonas Assassinas e “O Amazonês” de Nicolas Jr.

No segundo dia, foi revisado o conteúdo para os discentes envolvendo as músicas aplicadas na aula anterior. Após a revisão, foram selecionados oito alunos da turma, sendo quatro do sexo feminino e quatro do sexo masculino para responder o questionário contendo quatro perguntas abertas e quatro perguntas fechadas com as opções “Sim” e “Não”.

Varição linguística na escola reside no reconhecimento e valorização da diversidade linguística presente na sociedade. Ao incorporar a variação linguística no ambiente escolar, os educadores promovem a inclusão e o respeito às diferentes formas de expressão linguística dos alunos, considerando os diversos dialetos, sotaques, gírias e expressões regionais.

7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO DOS DISCENTES

espaço

A presente pesquisa buscou analisar dados por meio de oficina aplicada no 3º segmento da EJA, com intuito de mostrar o que é regionalismo e as variações linguísticas dentro do ambiente escolar, e fazer com que reflitam sobre o assunto para que dessa forma sejam respeitados em sua forma natural de comunicação e, independentemente, d’ela se enquadrar em um padrão linguístico prestigiado.

Como já foi mencionado, o questionário foi aplicado no 3º segmento da EJA. Os sujeitos da pesquisa foram oito (08) alunos, sendo quatro (04) masculino e quatro (femininos), com a faixa etária entre 20 a 45 anos, envolvendo duas (02) donas de casa, (01) uma estudante e (01) estudante e atendente do sexo feminino (F); já do sexo masculino (M), incluí dois (02) garis, um (01) agricultor, um (01) estudante, sendo todos nomeados pelas letras do alfabeto A, B, C, D, E, F, G, H. Ademais as perguntas de 1ª a 4ª são questões fechadas, com as opções de “Sim” e “Não”; enquanto as questões de 5ª a 8ª são perguntas abertas.

A primeira pergunta foi: 1- você se utiliza de termos regionais em seu ambiente escolar? Todos A, B, C, D, F, G, H responderam que “*sim*”, exceto o aluno E (M) que respondeu “*não*”. De acordo com Zatera (2020, p.72 apud. Possenti, 200, p.17) afirma, claramente, que o “o objetivo da escola é ensinar o português padrão” ou “criar” condições para que eles sejam aprendidos”. Para o autor dominar o português padrão não significa memorizar regras gramaticais, mas, sim, adquirir “determinado grau de domínio da escrita e da leitura”.

Mediante as respostas dos alunos, percebeu-se que a maior parte deles utilizam termos regionais no contexto escolar. Com isso, ressalta-se que essa pergunta respondeu a 3ª questão norteadora da pesquisa, que questionava “A variação linguística é prestigiada no ambiente escolar?”.

Posteriormente temos a segunda pergunta que diz respeito: 2- Em sua opinião o uso da variação linguística tem influência regional? Todos os alunos responderam que “*sim*”. Para a autora Zatera (2020):

Então, se a língua é resultado de transformações geradas por nós, que a usamos ela não se apresentará de uma única forma de fala ou escrita. Isso porque cada pessoa tem uma história: nascemos em diferentes épocas em distintas regiões do Brasil; convivemos com pessoas das mais variadas origens; temos profissões, idade, gênero e situação socioeconômica diferentes (Zatera, 2020, p. 60).

Essa diversidade linguística é natural e enriquece a língua, refletindo a riqueza cultural e social de uma comunidade. No entanto, é importante ressaltar que todas as formas de expressão têm valor e devem ser respeitadas, independentemente de sua origem ou características. Conforme a análise das respostas, observou-se que a maior parte dos alunos responderam que a variação linguística tem influência regional.

Logo, foi feita a terceira pergunta 3- você utiliza gírias na sala de aula? Os alunos A, B, C, D do sexo (F), responderam que “*sim*”, e os alunos E, F, G, H do sexo (M), responderam que “*não*” utilizam gírias na sala de aula.

De acordo com Patriota (2006), “conforme a perspectiva na qual se considere a gíria, diferente será a sua avaliação no processo de interação verbal”. Vendo-a como linguagem característica de um grupo social fechado, a gíria apresenta duas marcas: é um signo de grupo e possui uma forma criptológica. Em outras, palavras, ela será "marca representativa" de um grupo e servirá como uma espécie de código secreto para esse setor, usada de forma proposital para manter a distância de todos que não pertencerem a esse segmento respectivo, sendo conhecida apenas dos integrantes desse grupo.

Diante os resultados, foi possível observar que metade dos alunos questionados responderam que utilizam gírias no ambiente escolar, e a outra metade dos alunos responderam não utilizam gírias em sala de aula.

Em seguida realizou-se a quarta pergunta: 4- a variação linguística é valorizada no ambiente escolar? Os alunos A, C, D, E, G responderam que “*sim*”, enquanto os alunos B, F, H responderam que “*não*”.

Para Fernandes (2014, p. 35) “a escola deve reconhecer e analisar as características de seus alunos e respeitá-las, de modo que haja a superação de estereótipos acerca da linguagem não-padrão, o que deve ocorrer a partir da educação infantil.” Então, é importante ressaltar que existem esforços em andamento para promover a valorização da variação linguística nas escolas, reconhecendo a importância de respeitar e incluir todas as formas de expressão. Projetos educacionais que buscam sensibilizar os educadores e os alunos para a diversidade linguística têm contribuído para mudanças nesse cenário.

Assim, percebe-se que a maioria dos alunos argumentaram que a variação linguística é valorizada no ambiente escolar, com isso responde-se à quarta questão norteadora.

Após as perguntas fechadas realizou-se as perguntas abertas: 5- comente se você usa a língua coloquial ou a língua padrão para se comunicar e escrever textos em sala de aula. Todos os alunos A, B, C, D, E, F, G, H argumentaram que “*utilizam a linguagem padrão para escreverem textos em sala de aula, e usam a linguagem coloquial no dia a dia*”. De acordo com Zatera (2020, p. 22) “a língua coloquial é aquela do dia a dia, usada em situações informais, sem exigências normativas. Já a língua padrão obedece a regra, ensinado na escola, usada em documentos oficiais[...]”. A autora fala que temos a liberdade de utilizar a língua coloquial no nosso cotidiano, e já a língua padrão deve ser respeitada de acordo com a gramática em situações que exigem maior formalidade.

Logo, temos a sexta questão: 6- em sua opinião, qual é a relação entre regionalismo e variação linguística? Os alunos A, B responderam que “*o regionalismo é a linguagem da região e variação linguística é a variedade da língua, podendo variar de Estado para Estado, e de país para país*”; os alunos C, D disseram que “*a relação entre esses dois contextos se refere às características linguísticas específicas de uma determinada região*”; já os alunos E, F, H argumentaram que “*as variações são fenômenos que acontecem quando um mesmo idioma sofre alterações diversas conforme os gêneros, costumes, tradições e regiões*”; no entanto, o aluno G não respondeu à pergunta.

De acordo com Gala (2012, p. 13), o regionalismo e a variação linguística são:

o regionalismo é um tipo de variação linguística, mas o que isso significa? As variações são fenômenos que acontecem quando um mesmo idioma sofre alterações diversas. Elas podem ocorrer com base nas diferentes idades, gêneros, costumes, tradições, e claro, regiões geográficas de seus falantes.

Ambos os conceitos são fundamentais para compreender a riqueza e a complexidade da língua, assim como as influências sociais e culturais que moldam a forma como nos expressamos. A variação linguística enriquece a diversidade cultural e promove a valorização das diferentes formas de comunicação presentes em uma sociedade.

Podemos perceber, que a primeira pergunta sobre a relação entre regionalismo e variação linguística, obteve um resultado significativo, pois a maioria soube responder à questão.

Seguindo, temos a sétima questão: 7- é possível compreender que a língua é constituída por variações linguísticas que devem ser respeitadas de acordo com a situação de produção? Os alunos A, B, C, D, E, F, H argumentaram que “*sim, pois todos têm sua maneira de falar*”; somente o aluno G não respondeu à pergunta. Zatera (2020, p.68 apud. Fiorin, 2011, p.17) “se a língua é elemento constitutivo da identidade de um povo ou de uma pessoa, atacar sua língua ou seu modo de falar é ofender ou discriminar o próprio sujeito”. É preciso combater esse preconceito, pois é algo que faz parte do contexto regional e do meio em que estamos inseridos.

Diante do exposto, é notável que a todos os alunos exceto um, concordaram que as variações linguísticas devem ser respeitadas, de acordo com a situação de fala, vale ressaltar que essa pergunta responde a segunda questão norteadora da pesquisa. Em sua opinião o uso da variação linguística tem influência regional?

Por fim, temos a oitava questão: 8- a discriminação ou preconceito linguístico relacionado às diferentes formas de falar do povo brasileiro pode ser superado por meio de atividade de interação prazerosa? Todos os A, B, C, E, F, H alunos disseram que “*sim*”, mas a aluna D justificou sua resposta, argumentando que “*as variações linguísticas podem ajudar a superar barreiras e promover uma convivência mais harmoniosa e respeitosa entre os falantes*”. De acordo com a autora Zatera (2020, p. 68) “é preciso combater o preconceito linguístico, nascido da ideia de um certo e um errado na língua e de quem fala “errado”, pensa errado ou não sabe pensar”. Podemos perceber que as variações linguísticas são formas distintas de expressão, e que devem ser respeitadas por todos, seja no meio acadêmico e no meio social.

Mediante as respostas da pesquisa, foi observado que todos concordam o preconceito linguístico pode ser superado através de atividades interativas e prazerosas, assim, a terceira questão norteadora foi respondida.

Mediante as respostas da pesquisa, foi observado que todos concordam que o preconceito linguístico pode ser superado através de atividades interativas e prazerosas, assim, a segunda questão norteadora que diz respeito “Como superar a discriminação relacionada às diferentes formas de falar do povo brasileiro por meio de atividades de interação prazerosa?” foi respondida.

Diante do exposto ao observar a compreensão e valorização demonstrada pelos alunos em relação ao regionalismo e às variações linguísticas, entendeu-se que os estudantes passaram a reconhecer e respeitar as diferentes manifestações linguísticas, demonstrando interesse e apreciação pela diversidade cultural presente em suas próprias falas e na fala dos colegas, isso indicou que o objetivo da pesquisa foi atingido. Além disso, os alunos demonstraram uma postura mais inclusiva e respeitosa ao responderem o questionário em relação ao conteúdo lecionado, isso também foi um sinal positivo de que seu objetivo foi alcançado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, pudemos observar a relevância de compreender e valorizar a variação linguística, especialmente no que diz respeito ao regionalismo. Sendo utilizados e confirmados através das ideias dos teóricos citados no artigo. Assim respondendo aos objetivos gerais desta pesquisa e as questões norteadoras. Esta investigação acerca do regionalismo e as variações linguísticas é muito importante na área de sociolinguística, pois mostra que para ter uma convivência harmoniosa dentro da sala de aula é preciso respeitar o modo de fala de cada aluno, pois todos tem sua variação linguística.

As perguntas efetuadas no questionário obtiveram respostas de acordo com o esperado, visto que a aula ministrada através da oficina foi relevante na construção das respostas pelos alunos.

Diante disso, ressaltamos a importância da escola e de outras instituições educacionais em adotar práticas inclusivas que reconheçam e valorizam a diversidade linguística. Ao promover um ambiente que acolha todas as formas de expressão, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, plural e respeitosa.

Conclui-se, então, a partir desse estudo que a variação linguística não deve ser encarada como obstáculo à comunicação, mas sim como um reflexo da diversidade presente em uma sociedade. É fundamental promover o respeito e a valorização das diferentes formas de expressão. Combatendo estereótipos e preconceito linguísticos.

REFERÊNCIAS [Na outra página e verifique a ABNT.](#)

ARROYO, M.G. **Da escola carente à escola possível** São Paulo: Loyola, 2003.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália. Novela sociolinguística.** São Paulo, Contexto, 1997.

_____. **Dramática da Língua Portuguesa**. São Paulo, ed. Loyola, 2000.

_____. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** – Edições Loyola, São Paulo, 48. e 49. ed. 2007.

BARBIER, René. **O método em Pesquisa Ação** IN- A pesquisa – ação Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.

BORTONI-RICARDO, Estela Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**- São Paulo: parábola editorial, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. - **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL/MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: Secretaria de Educação fundamental, 1997, p. 19-41.

CALVET, Louis- Jean. **Sociolinguística.** Uma Introdução Crítica. 2. ed. São Paulo: parábola Editorial, 2004.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 11. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CORREIA, Ângela. **Ai flores, ai flores do verde pino:** edição crítica e interpretação. Revista Galega de Filoxía, vol. 23, 2022. Acesso: 18/05/2024.

CORTADA, Silvana – **EJA – Educação de Jovens e Adultos e seus Diferentes Contextos.** Jundiaí, Paco Editorial: 2013.

DENZIN, N. K; LINCOLN, I.O **planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa.** 4. ed. ver. ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social.** – 6. ed.- São Paulo: Atlas, 2008.

<https://rioandlearn.com/pt-br/r-em-portugues/>. Acesso: 16/06/2024.

KRESS, G. R. e van LEEUWEN, T. **Reading Images: a Grammar of Visual Design.** Londres: Routledge, 1996.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MATEUS, M. CARDEIRA, E. **O Essencial sobre a Língua Portuguesa: Norma e Variação.** Editorial Caminho, 2007.

MORDAZ. Alfabetização no Brasil: **conjeturas sobre as relações entre Linguagem e Norma.** **Revista Brasileira de Educação.** Maio/ago. 2011, p. 43-200.

LOPES NETO, João Simões. **Contos gauchescos**. 9.ed., Porto Alegre: Martins Livreiro, 1998.

NEVES, Rita de Araújo, DAMIANI, Magda Floriana. Vygotsky e as teorias da aprendizagem. UNIrevista - Vol. 1, n° 2 :abril, 2006.

SALES, Walter. **Central do Brasil. Brasil**: Vídeo filmes, 1998. Livros.

SAVIOLI, Francisco Platão & Fiorin, José Luiz. **Lições de texto**: leitura e redação. 5.ed. São Paulo: Ática, 2006.

SOARES, Leôncio José Gomes. **A política educacional**. 1998.

APÊNDICE



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ- CEST**

QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS DISCENTES

Identifique-se, antes de responder o questionário:

- a) Profissão: _____ b) Idade: _____
c) Sexo: _____ d) Classe social: _____

1. Você se utiliza de termos regionais em seu ambiente escolar?
a) () Sim b) () Não

2. Em sua opinião o uso da variação linguística tem influência regional?
a) () Sim b) () Não

3. Você utiliza gírias na sala de aula?
a) () Sim b) () Não

4. A variação linguística é valorizada no ambiente escolar?
a) () Sim b) () Não

5. Comente se você usa a língua coloquial ou língua padrão para se comunicar e escrever textos em sala de aula.

6. Em sua opinião, qual é a relação entre regionalismo e variações linguísticas?

7. É possível compreender que a língua é constituída por variações linguísticas que devem ser respeitadas de acordo com as situações de produção?

8. A discriminação ou preconceito linguístico relacionado às diferentes formas de falar do povo brasileiro pode ser superado por meio de atividades de interação prazerosa?

Regionalismo e a variação linguística

O regionalismo é um tipo de variação linguística. Isso significa que as variações são fenômenos que acontecem quando um mesmo idioma sofre alterações diversas. Elas podem ocorrer com base nas diferentes idades, gêneros, costumes, tradições, e claro, regiões geográficas de seus falantes.

O regionalismo na linguagem pode ser entendido como formas de apreensão do conjunto de particularidades de determinada região geográfica, decorrentes da cultura existente ali e de fatores históricos que a originaram, sendo o dialeto uma de suas principais formas de expressão.

As principais características do regionalismo versam que é um fenômeno universal como movimento de grupos de escritores que defendem notadamente uma literatura que tenha por ambiente tema e tipos uma certa região rural que se opõe aos costumes, valores e gosto dos cidadãos.

Os tipos de regionalismo da época são divididos entre rural e urbano. Outro objetivo da literatura regionalista daquele período era representar as diferenças entre realismo e idílio, letra e oralidade, região e nação, cidade e campo, além da utilização das características do passado como forma de denunciar as falhas no presente.

No Brasil, o regionalismo linguístico diz respeito a uma variação linguística ligada ao vocabulário que consiste na criação e no uso de palavras ou expressões típicas de determinada região. Como "macaxeira", usada no Norte e Nordeste, que no Sudeste vira "mandioca" e, no Sul, "aipim, por exemplo.

Alguns exemplos de expressões regionais existentes no Brasil:

- Centro-Oeste: Arruinou – piorou de saúde. Carreta – carro. Dormir no macio – viver folgado.
- Norte: Brocado – estar com fome; Capar o gato – ir embora; Égua de largura – muita sorte.
- Nordeste: Aperrear – encher o saco; Buchuda – gestante.
- Sul: Alçar a perna – montar a cavalo; Cacetinho – pão francês.

A linguagem regional ou expressões podem ser identificadas em sotaques, dialetos, falares, pronúncias e até mesmo na construção de diferentes palavras para os mesmos conceitos.

Os quatro tipos de variantes linguísticas: as variações diatópicas (geográficas), variações diacrônicas (históricas), variações diastráticas (grupos sociais), variações diafásicas (formal x informal). São as variações relacionadas ao espaço geográfico em que estão inseridas.

A linguagem regional está relacionada com as variações ocorridas, principalmente na fala, nas mais variadas comunidades linguísticas. Essas variações são também chamadas de dialetos. O Brasil, por exemplo, apresenta uma imensa variedade de regionalismos na fala dos usuários nativos de cada uma de suas cinco regiões.

Referência: SAVIOLI, Francisco Platão & Fiorin, José Luiz. **Lições de texto: leitura e redação**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2006.

Chopis centis

Canção de Mamonas Assassinas

Eu di um beijo nela
 E chamei pra passear
 A gente fomos no shopping
 Pra mó di a gente lanchar
 Comi uns bicho estranho
 Com um tal de gergelim
 Até que 'tava gotchoso
 Mas eu prefiro aipim
 Quantcha gente
 E quantcha alegria
 As minha felicidade
 É um crediário das Casas Bahia
 Quanta gente (oba!)
 Quantcha alegria
 As minha felicidade
 É um crediário nas Casas Bahia
 Pra arriba!
 Joinha, joinha, chupetão, vamo lá!
 Chuchuzinho, 'vambora!

Pegue logo o beco e saia vazando
 Senão numa tapa tu vai 'emborcá'
 Me criei na beira ali pelo 'ródo'
 Eu me embiocava lá pelos 'motô'
 Mamãe me ralhava e eu nas 'carrera', zimpado
 Era galho de cuia, lambada e o escambal
 Saía vazado pro bodozal, menino vai se 'assia'
 Tira a tuira do 'côro', que agora é dos vera
 Vou te malinar.
 Sou amazônes, não nado com boto, nem chupo 'piqui'
 Sou do mesmo saco da farinha
 Aquela da ovinha ali do uarini
 Sou amazônes, num é 'fuleragi'
 Eu sou bem dali e dou de 'cum força' na farinha
 E sou 'inxirido até o tucupí.
 Eu era escarrado e cuspidio uma osga
 Mas meu apelido era carapanã
 Muito apresentado, passando na casca do alho
 Era chato no balde, um cuirão pitiú
 Mais 'intojado' que 'dismintidura'
 Numa gabolice pai d'égua que só, pois num é?!
 Man eu era chibata, parente, de rocha
 Era o rei do 'migué'
 (sou amazônês...)
 Na ilharga das balsas
 Brincava de pira
 E ali de 'bubuia', ficava até 'ingilhá'
 Mangava 'dusôtro' na esculhambação
 E na hora da broca mandava dindin com kikão
 Era bom 'qui só'
 Eu pegava um boi, que era massa demais
 Égua 'su mano', eu cresci à pulso
 E hoje vivo dos bicos na rampa dos cais
 (sou amazônês...)



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

PLANO DE AULA – ENSINO MÉDIO

ESCOLA: Escola Estadual Santa Maria em Tefé		
Professora: Amanda Julie Silvana Remedios		
Ano/Turma: 3º segmento da Educação de Jovens e Adultos -EJA	Carga Horária: 4 horas	Data: ___/05/2024
Tema da Aula: Gênero: Música		
Área do Conhecimento (BNCC):		
<input checked="" type="checkbox"/> Linguagens e suas Tecnologias	<input type="checkbox"/> Ciências da Natureza e suas Tecnologias	
<input type="checkbox"/> Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	<input type="checkbox"/> Matemática e suas Tecnologias	
Componente Curricular (BNCC): Língua Portuguesa		
Competências Específicas a serem desenvolvidas nesta Aula (de área do conhecimento e componente curricular) (BNCC):		

I D E N T I F I C A Ç Ã O



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

<p>Ã O</p> <p>As Competências são um conjunto de habilidades e conhecimentos relacionados, que podem ser desenvolvidos por meio de treinamentos ou experiências, e possibilitam a atuação efetiva em um trabalho ou situação. Por outro lado, as Habilidades são qualidades que o profissional tem para realizar alguma atividade.</p> <p>Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.</p> <p>Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.</p>	<p>I D E N T I F I C A Ç Ã O</p> <p>Habilidades a serem desenvolvidas nesta aula (BNCC):</p> <p>Música regionalista - EF35LP03: Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala.</p> <p>Regionalismo - EF35LP11: Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos.</p> <p>Variação linguística x língua padrão - EF69LP55: Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.</p>
--	--



E N C A M I N H A M E N T O D O D O L O

Objetos do Conhecimento (conteúdos, conceitos e processos):

- ✓ Conceito de regionalismo, variação linguística, língua padrão;
- ✓ Características do regionalismo;
- ✓ Conceito de dialetos;
- ✓ Conceito linguístico;
- ✓ Leitura oral do assunto impresso;
- ✓ Produção de textos;
- ✓ Contextualização do gênero musical em estudo.

Conhecimento Prévio Necessário/Contextualização:

Perguntas específicas para constatar se os alunos possuem algum conhecimento sobre regionalismo, variação linguística, língua padrão, dialeto preconceito linguístico: Se já ouviram ou cantaram uma música contendo variação linguística? Já conhecem a música Chopin's centis, dos Mamomas Assassinas? Já conhecem O Amazonas, de Nicolas Jr.?



A S A	
F O N T E S	<p>Referências:</p> <p>BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico – o que é, como se faz. 15 ed. Loyola: São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000200017>. Acesso em: 4 maio de 2024.</p> <p>BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.</p>
A N E X O S	